

# Transformações na comunicação científica

Há pouco mais de 350 anos os periódicos científicos tornaram-se a principal forma de comunicação científica, substituindo os encontros e as trocas de cartas entre pesquisadores.

Acompanhando as grandes inovações da prensa de Gutenberg, os periódicos foram fundados com a intenção de evitar a duplicação de resultados e promover a disseminação do conhecimento científico, de forma rápida. Desde então, as revistas impressas mudaram fundamentalmente as dinâmicas da comunicação científica e os princípios da avaliação da ciência.

Depois de coexistir com correspondências, monografias e tratados - que muitas vezes levavam anos para serem publicados -, no início do século XIX, os periódicos impressos tornaram-se o formato conveniente e seguro de divulgar novos resultados de pesquisa. Duzentos anos depois, porém, a duração do processo da publicação impressa já não responde mais aos próprios avanços tecnológicos que transformaram o tempo em uma moeda imprescindível para a comunicação científica. A transição para o digital vem alterando profundamente as estruturas de produção da ciência, criando um novo ambiente para a comunicação científica, que passa por mais uma transformação neste começo de século XXI. Gradualmente, os periódicos acadêmicos passaram a ser disseminados através da internet e suas versões impressas foram diminuindo, devido ao custo e à falta de agilidade no

processo editorial. Além de refletirem pouco os avanços das tecnologias de comunicação e a velocidade da informação, os periódicos impressos também perderam a centralidade no quesito difusão ampla e rápida dos resultados da pesquisa.

Observa-se, portanto, que as mudanças nos modelos da comunicação científica não foram apenas uma resposta à velocidade e aos avanços tecnológicos. Trata-se também de respostas a questões mais complexas que estão relacionadas à circulação da ciência, ao entendimento sobre os direitos autorais do trabalho científico e às mudanças sobre o paradigma da comunicação, para além de mudanças tecnológicas.

Se durante muitas décadas o prestígio de um periódico foi justificativa para a fundamentar a formação de um mercado editorial científico em torno de cinco grandes editoras comerciais (Lariviere, et al, 2015), formando um oligopólio de receita concentrada em um conjunto de países da Europa e Estados Unidos que definiam a circulação da ciência, as consequências desse oligopólio foram atroz para os países periféricos e semiperiféricos (cf. Oliveira, 2019), que tinham dificuldades de adentrar nesse meio. Atualmente, como forma de superar todas as decorrências desse sistema de prestígio no mercado editorial, vem sendo atribuída mais importância à contribuição do artigo em si do que a um conjunto subjetivo de elementos que pouco ou nada se relacionam com a qualidade da produção científica. Neste cenário, métricas a nível de artigo começam a emergir como indicador de qualidade, em uma composição multidimensional, em respostas à métricas de impacto constantemente aplicadas de maneira incorreta e irresponsável no cenário de avaliação da ciência.

Também neste cenário, em resposta a um sistema mercadológico sobre a ciência, iniciativas que respondem a importantes movimentos em torno dos direitos autorais

garantem uma maior autonomia sobre o processo de decisão sobre quando tornar uma produção científica pública. A fim de agilizar a publicação científica, os servidores de preprint emergem como um importante espaço aberto de compartilhamento sobre a produção científica, que pode ser utilizado enquanto um manuscrito está em avaliação. Os preprints, assim como os repositórios de dados, possibilitam uma comunicação científica mais aberta, rápida e transparente, permitindo que os artigos recebam comentários da comunidade científica antes mesmo de serem publicados por um periódico. Recentemente, foi lançado o MediArxiv (<https://mediarxiv.org>), servidor de preprint para a área da comunicação, seguindo tendências de comunicação científica já adotadas por outras áreas há algum tempo, como Sociologia e Biologia, com o SocOpen e BioArxiv, por exemplo. Deste modo, as revistas científicas passam a ocupar menos um papel de *gatekeepers* para exercer um importante papel de validador da qualidade científica dos manuscritos, por meio do imprescindível trabalho dos avaliadores.

Outra medida para tornar a comunicação científica mais ágil é a adoção de Publicação Contínua. Nesta modalidade, a publicação dos artigos é feita em um único volume anual sem pausas periódicas, buscando diminuir a espera do fechamento de uma edição para a publicação final dos manuscritos. Essa modalidade promove rapidez no processo de comunicação e disponibilização das pesquisas com inúmeras vantagens para a circulação da informação científica. Essas são algumas das mudanças que os periódicos científicos vêm imprimindo neste início de século XXI, a fim de se manterem contemporâneos com as mudanças do seu tempo. Tais medidas vão ao encontro de transformações da comunicação científica frente aos princípios de uma Ciência Aberta, modalidade de prática científica que visa a disponibilização de todos os materiais

científicos de forma aberta. Não se trata apenas de mudanças na comunicação científica diante de transformações tecnológicas, mas de mudanças sobre posturas científicas que garantem uma maior transparência sobre o fluxo editorial.

E a Revista E-compós, que há mais de uma década já nasceu digital, igualmente vem se atualizando com vários desses princípios, a fim de tornar a produção científica de nossos autores acessível o mais rápido possível, sem perder a qualidade demandada por um periódico científico que representa os Programas de Pós-Graduação da área de Comunicação.

Assim, a partir desta edição, a E-Compós passa a adotar a modalidade de Publicação Contínua como forma de tornar o processo de publicação científica o mais rápido, aberto e transparente possível. Diante destas transformações sobre a comunicação científica, a revista, ao entender a ciência como um bem comum e que deve ser público e aberto, apresenta sua primeira edição na modalidade de Publicação Contínua em seu vigésimo segundo volume, ao comemorar 15 anos de sua existência. Para compor esta edição, que será atualizada ao longo do ano, apresentamos os nove primeiros textos que irão compor o volume 22 da Revista E-compós.

Bruno Campanella discute a crescente presença das mídias nos processos de criação de intimidade, conquista de estima social e relacionamento do indivíduo com o mundo, propondo analisar o desenvolvimento de um tipo de habitus ligado ao desejo de ser reconhecido através da mídia.

Master Chef é objeto de investigação de Carlos Eduardo Marquioni, Fernando Andacht, que tratam o fenômeno global MasterChef articulando três aspectos macrosociais que possibilitam abordar analiticamente tanto o contexto cultural e o programa veiculado, quanto alternativas de geração de sentido.

Rafael Valles, Cristiane Freitas Gutfreind discutem de que forma a relação entre vídeo e diário íntimo contribui para o entendimento do processo de rememoração construído por Jonas Mekas em 365 Day Project, através da análise de vídeos que procuram problematizar a relação do autor com o dispositivo técnico e a maneira como constrói a sua autorrepresentação através do entrecruzamento do presente e do passado.

Theo Costa Duarte reflete sobre a importância do Cinema Estrutural na interface dos campos do cinema experimental e das artes visuais, afastando-se das interpretações da crítica e historiografia desses campos que o tomaram ora como uma prática modernista preocupada à exploração reflexiva das propriedades específicas do cinema, ora em estreita continuidade com a tradição “visionária”, romântica, do cinema de vanguarda norte-americano.

Em “A desconfiança como elemento de reflexividade no cinema de Christian Petzold”, Pedro Guimarães, David Ken Gomes Terao investigam como a desconfiança se apresenta enquanto um elemento fundamental na obra de Christian Petzold, analisando a condição política que existe em meio às narrativas, como estratégia para um jogo atoral autoconsciente e um meio pelo qual se cria distanciamento no espectador.

Nina Cruz, Luíza Beatriz Alvim exploram as relações entre o cinema experimental, especialmente o chamado cinema de flicker, e a música, analisando o trabalho de Rose Lowder, cineasta que desde a década de 1970 produz filmes em 16mm e usa a técnica no cinema.

Qual é o lugar do pagode no centenário do samba? Felipe Trotta questiona a desqualificação que essa tendência estilística do samba sofre desde então, reivindicando um espaço de destaque para o pagode na narrativa do centenário do samba.

Em Jornalismo adversário: a crise do segundo mandato de Dilma Rousseff na capa do jornal, Li-Chang Shuen analisa a narrativa do jornalismo adversário nas manchetes e chamadas de capa dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo durante a crise do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff.

Myrian Regina Del Vecchio de Lima, José Carlos Fernandes, Rosa Maria Dalla Costa analisam as cartas de leitores do jornal diário de maior circulação no Paraná, Gazeta do Povo, e sua reação diante da transição tecnológica para versão digital, contatando aspectos de memória afetiva e hábitos do cotidiano relacionados à leitura de jornal.

Esses nove artigos inauguram uma nova fase da Revista E-compós, atenta às transformações da Comunicação Científica e na luta contínua por uma ciência aberta, rápida, transparente e ciente de seu papel para a circulação do conhecimento frente aos avanços tecnológicos e às mudanças que atravessam o campo das Ciências da Comunicação.

### **A Comissão Editorial da Revista E-Compós**